por CIBELE VERRANGIA CORREA DA SILVA

ENTRE CACOS E ECOS

“Música no Corpo de Fuga”, livro do escritor Fabricio Fernandez, pressupõe o desprendimento dos padrões e das usuais formas e normas da literatura

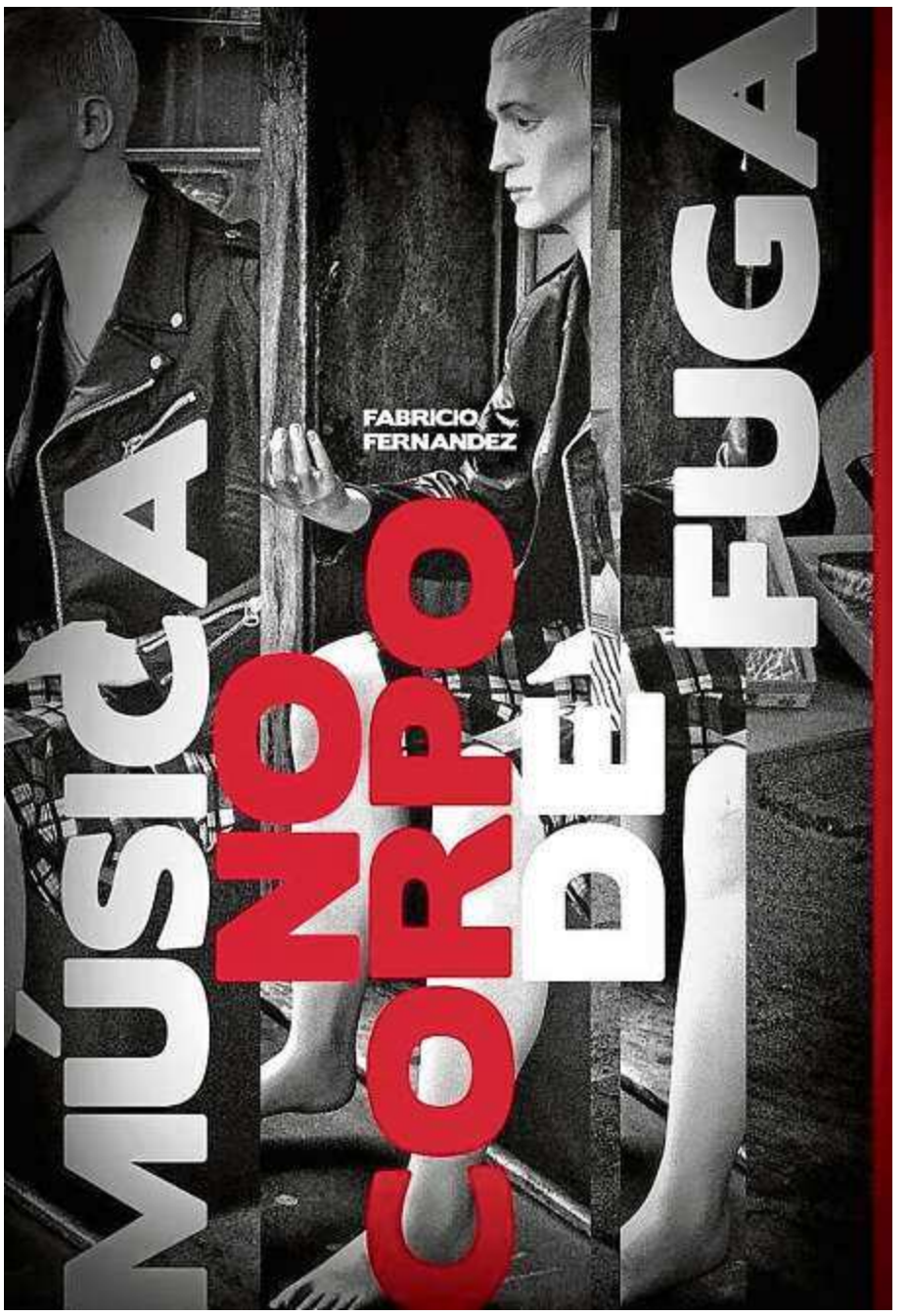
Para adentrar na comovente e desesperada narrativa de “Música no Corpo de Fuga”, do jovem autor capixaba Fabricio Fernandez, é preciso desprender-se dos padrões e das usuais formas e normas da literatura. Estamos aqui em contato com um romance; se é que podemos chamá-lo assim, pois cada vez que leio e releio a narrativa, percebo uma profunda e intencional busca por desconstrução, principalmente na perspectiva do purismo dos gêneros textuais.

Na verdade, a noção de desconstrução permeia todo esse “objeto”; “corpo” literário, uma vez que se propõe a radiografar a realidade; a cidade; os corpos que perambulam sem pouso no espaço vazio da vida; num texto não-linear; fragmentado, prenhe de fluxos de consciência, de uma prosa poética nervosa e navalhal, que nos envolve através dos diferentes sons, tons, cores, amores, dores, pulsões, ereções, explosões e nos carrega para um universo de crítica e de poesia, denunciando um desejo profundo de vida e visibilidade.

É através das diferentes vozes, que somos invadidos por um projeto/projétil literário de resistência, luta, engajamento e denúncia, propondo-se apresentar as experiências negadas e silenciadas de corpos que ousam desafiar o status quo e que emergem da marginalidade e da subalternidade para “navalhar a carne” de toda uma sociedade hipócrita e atrasada. São vozes ora doces, ora ácidas de personagens forjadas na fragmentação corporal, que passeiam pela cidade e pela vida, como espectros de si mesmas e dos desejos de respeito e de pertencimento. A polifonia dialoga com o projeto do autor de dar visibilidade a tantas vozes silenciadas historicamente e espoliadas socialmente.

Temos também um narrador-corpo-música, que em certos momentos assume o devir personagem, mas também necessita de um afastamento de onisciência, bem como se permite ao diálogo com o leitor e o autor. Há passagens da obra em que claramente sentimos a presença da autobiografia, porém ela se traveste muito bem de tons de cinza, azuis e vermelhos para dar vida a um devir narrador-personagem-autor.

Essa fragmentação estética também se faz presente na construção temporal e espacial da narrativa, uma vez que, por mais que o texto seja ambientalizado na cidade de Brasília, mais especificamente no metrô da mesma e em diferentes espaços da rua, o fluxo de consciência nos leva para ambientes outros, em que a loucura e a racionalidade convivem quase que harmonicamente no espaço “além” da vida, num côncavo e convexo



labirinto de espelhos.

O tempo também é marcado por uma certa fluidez, colocando sempre a ação em repouso, ou melhor, pairando sobre esses corpos que dançam na luz da cidade e nas fronteiras do entre-lugar. Há um esboço de linearidade fugidia na narrativa, promovendo um encadeamento estrutural que escapa; escorre; derrama-se na estrutura normativa, conferindo um real recurso de estilo da autoria, sempre com o objetivo de causar estranhamento e atravessamento de corpos.

“Música no Corpo de Fuga” nos atravessa intimamente, causando certo desconforto e incômodo, assim como atração e desejo, pois a construção imagética e auditiva promove uma intensa sinestesia, provocando sensações e “intenções” que dialogam com a narrativa erótica, ao mesmo tempo que faz uma profunda crítica social. Essa crítica se dá na própria linguagem, que utiliza de lirismo e agressividade para marcar esse espaço onírico e visceral, denunciando as situações de opressão e violência em que sobrevivem os marginais sociais (aqui, representados pelos agentes da diversidade sexual, ou seja, homossexuais, travestis etc) na busca por melhores condições de vida, bem como de respeito aos diferentes devires, amores e desejos.

O texto é construído na junção de diferentes experiências artísticas, em que vamos sendo atravessados constantemente pela literatura, no recurso da intertextualidade e da metalinguagem; da música, que está tanto na linguagem, quanto nos temas; das artes plásticas, que colore o cenário literário e os corpos presentes/ausentes; nas IPIs (interrupção para incidentes), que é um recurso estético de corte na possível linearidade da narrativa, mas se configura como um quase fluxo de consciência e marca profundamente a poeticidade e o lirismo da obra.

As IPIs são, inclusive, o recurso mais visualmente construído para sentirmos a presença da fragmentação; dos cacos da ação. Essas interrupções fazem parte da atmosfera de manutenção do pairar sobre a obra e sobre a vida. Elas aparecem quando o texto esboça avançar na linearidade, na caracterização mais profunda das personagens e da ação, então, há um recuo, uma pausa, para que outras expectativas e perspectivas apareçam, criando um jogo de sedução de avança/recua; penetra/afasta; foca/desvia; some/aparece; corpo/alma, conduzindo a uma fuga nas intenções de envolvimento e de afinidades, fazendo com que o leitor experiencie a vivência fantasmagórica desses corpos fragmentados de música e fuga.

Assim, como Caio Fernando Abreu denuncia a perenidade da vida e a resistência das escolhas em “Morangos mofados”, e Clarice Lispector se deprime com a falta de esquinas na cidade de Brasília e, por isso, a ausência de alguns corpos que subsistem desses espaços, bem como a artificialidade das relações e dos encontros, na narrativa “Brasília”, temos em “Música no Corpo de Fuga” uma visceral obra que grita por visibilidade, mas que faz escapar da visão esses corpos-espectro, que no movimento da fuga, promovem a ação e a liberdade.

É no pairar sobre tons e sons do desejo, da existência, da luta diária por verdade e profundidade, que esse projeto/projétil literário atravessa o onírico da pós-modernidade, em que a fragmentação e a irrupção serão os elementos fundamentais da identidade e do devir do sujeito, num caminhar de afrontamentos e empoderamentos, promovendo rachaduras no concreto cinza e frio da cidade, metamorfoseando a melancólica vermelhidão da vida, num descortinar de transes e êxtases monumentais, em busca de gozos e sonhos. Então, perceber “Música no Corpo de Fuga” é permitir-se estar no “além”, nas fronteiras do desejo/vontade; é ir mais, mais, mais e mais, até o entre-lugar da vida.

Cibele Verrangia Correa da Silva
é doutoranda em Letras na área de Estudos Literários, pela Ufes.